

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Excelentíssimo Sr. Irmão Doutor Elvo Clemente,
Digníssimo Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras;
Senhoras e Senhores Acadêmicos;
Digníssimas Autoridades, Civis, Militares, Eclesiásticas e Maçônicas;
Meus queridos familiares, e estimados amigos;
Senhoras e Senhores

Dedico esta fala a Anita Pereira de Borja, minha doce mãe que mesmo enferma veio até aqui e sempre;
Dedico esta fala a Rita Gerdau de Borja, inesquecível, que como a primeira ajudou a construir este caminho que me traz até aqui;
Dedico também ao fraterno amigo e irmão, meu editor, Ricardo Lenz, que partiu para o Oriente Eterno, mas foi um propiciador, como poucos o foram.

Apraz a minha frente as loas que adejam sobre meus ombros e me iniciam com o toque viril do fio da espada que toca meus ombros. Este é o canto que me conduz como iniciado sob o hino tonitruante da voz de um dos maiores oradores da pátria rio-grandense : O Acadêmico Dr. Hugo Ramírez.

Assim, pela mão de quem me inicia e me apresenta, humildemente, como recipiendário, colho agora, a honra de estar perante os meus e este auditório, sob a aquiescência daqueles Acadêmicos que me elegeram, para formalmente, neste instante festivo e ufano, tomar posse na Cadeira nº 22 da Academia Rio-Grandense de Letras.

Meu verso, nunca sonhou com tão grande honraria. Era um estro juvenil, que lá no Julinho, nos idos de 67, cantava em soneto o enigma dos profundos augúrios auscultados pela pitoniza do tempo. Assim filosofava:

Num lado vejo o escuro
No outro, vejo o fulgor
Este penetra lento
No seio do negror

Do calor da claridade
Vou penetrando no frio
Escuro da fatalidade
Que me tira todo o brio

Do presente ao futuro
Numa marcha inexorável
Estou preso no ergástulo
Do tempo implacável

Prefiro isto a sucumbir
Oh prisão querida !
De onde só posso fugir
Perdendo a minha vida

Não só as essências do infinito em que estamos imersos mas também as formas visíveis e cativantes com que ele se expressa eram objeto de meu encanto dito em versos:

Olhos castanhos claros
Lindas janelas floridas
Teus cílios são flores em vasos
Oh ! Meu coração dá batidas

Do Julinho – anexo – antigo prédio histórico do Colégio Anchieta, nos altos da Duque de Caxias, fui cursar a Faculdade de Direito da UNISINOS, no velho e histórico prédio do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Dos velhos arcos da Duque de Caxias fui para os velhos Arcos do Vale dos Sinos que repetem uma memória atávica gravada à semelhança dos velhos Arcos de Coimbra.

Nesta atmosfera jesuítica de estudo fundamos, eu, Plínio Guerra e Jorge Bopp, sob os auspícios do Diretório Central de Estudantes, capitaneado pelo querido amigo Fernando Palmeiro da Fontoura, o jornal O DEBATE.

Escrevi contos, poesia, artigos políticos e iniciei ali, minha luta contra a opressão que grassava no país. A poesia publicada em uma das edições do Jornal Debate, no início da década de 70 e depois publicada no Livro Ronda Alta, no ano de 1981, denuncia a perplexidade do autor em face à sua consciência de impotência:

Sou o homem que posso
Mas nada faço
Assisto impassível ao espetáculo
Minha dignidade é a consciência
De saber que nada é justo
Ainda assim contemplo
Estas visões torpes

Acuso a indignidade humana
Dedo em riste sobre os hipócritas
Discuto os problemas humanos
Cruciais tais como as guerras
Sou o homem que posso
Mas nada faço
A inteligência é meu atributo
O espírito do século é minha luz
Acuso o mal social
E a exploração humana
Prego a dignidade do ser social
Me inflamo com a convicção
De toda a miséria humana
Das doenças, da fome
Do analfabetismo e da poluição
Mas assim mesmo vivo feliz pois:
Sou o homem que posso
Mas nada faço.

Em 1984 sonhei a liberdade política sem o complemento necessário da liberdade econômica que hoje é apanágio, não do povo soberano, mas do poder econômico e financeiro. O estro juvenil não supunha no horizonte das esperanças a asfixia das instituições, do próprio estado nacional, tragado pela voracidade insaciável dos juro e cantava jubiloso o poema que deu nome ao livro *Pele Madura*:

Sei de muitas desventuras
Desta vida já trago a pele madura

Sei o número dos sapatos
De minha coragem
Pois já vesti o medo também

Sei que nas sendas e veredas
Não há só amargura
Já provei mel de muita doçura

Sei que afinal
Após esta longa noite escura
Mãe da injusta ditadura
Com certeza beberemos
O sumo fresco
De um sol muito maduro

Em 1988, lanço pela Euditora o opúsculo *Contra a Corja* que entre outras traz os versos gauchescos da *Evolução* que se tornou hoje uma *Revolução*:

Noventa e três
Degolou gente
Vinte e três
Não esqueço mais

Um lenço branco
Bem chimango
Escarceando um pica-pau

Lenço vermelho
Maragato
Honório Lemos
Estava lá

Guerreando e peleando
A voz do povo tropeou
No caverá

Em Pedras-Altas
Se fez a paz
Esta espora
Não sangra mais
Fogo de chão

No meu rincão
Quanta saudade no coração

E agora vamos
Noutra tropeada
Fazer a lei da peonada
Revolução é solução
Se houve o grito no galpão

Em 1992, solitariamente, na noite de 14 de julho, aniversário da queda da Bastilha, datilografei, como professor de Direito Constitucional na PUC/RS e na UNISINOS, o pedido de impeachment do Presidente Collor. Meses após, a contra horário, a editora Ortiz editou minha primeira obra jurídica, Impeachment.

No ano 2000, com a vital colaboração e parceria de Ricardo Lenz, publicamos A luta pela União Latino-Americana – Teoria Geral dos Tratados e a obra O Projeto Democrático. Estas duas obras condensaram e compilaram um conjunto de artigos e trabalhos jurídicos sobre os mais variados temas sendo que a primeira, num corpo coerente, como o Gog de Giovanni Papini, era o fio que ligava as contas que formavam, através de quatro conferências, proferidas em Hartford, Connecticut, EUA, Santa Fé e Paraná, Argentina e Encantado, o corpo de um único pensamento: A luta pela construção de um macro estado pós-nacional na América Latina. Consolidando assim o sonho de Francisco de Miranda, San Martin, Simon Bolivar e de Lima Abreu. O mesmo sonho do grande pensador uruguaio Enrique Rodó que disse:

“Yo creí siempre que en la América nuestra no era posible hablar de muchas patrias, sino de una patria grande y única; yo creí siempre que si es alta la idea de la patria expresión de todo lo que hay de más hondo en la sensibilidad del hombre: amor de la tierra, poesía del recuerdo, arrobamientos de gloria, esperanzas de immortalidad, en América, más que en ninguna outra parte, cabe, sin desnaturalizar esta idea, magnificarla, dilatarla; depurarla de lo que tiene de estrecho y negativo y sublimarla por la propia virtud de lo que encierra de afirmativo y fecundo; cabe levantar sobre la patria nacional, la Patria americana, y acelerar el día en que los niños de hoy, los hombres del futuro, preguntados cuál es el nombre de sua patria, no contesten com el nombre del Brasil, ni com em nombre de Chile, ni com el nombre de Méjico, porque contestem com el nombre de América. Toda política internacional americana que no se oriente en dirección a esse porvenir y no se ajuste a la preparación de esa harmonia, será una política vana y descarriada.”

Continuo nesta liça pois quinta-feira, dia 15, a convite do Colégio de Abogados de Buenos Aires, na capital federal, no Congresso intitulado “Del Mercosur hacia la pátria Grande”, proferirei um conferência com a mesma temática, lembrando sempre a advertência de Bertold Brecht, que me foi secretada por um anjo:

Existem homens que lutam um dia e são bons,
Existem outros que lutam um ano e são melhores,
Existem aqueles que lutam
Muito mais e são muito bons,
Porém existem os que lutam toda a vida
Esses são imprescindíveis

Eu, além de todos a que devo muito, recebi uma lição de meu velho avô, Jangota Pereira: Persistir.

Não há procela que detenha o barco
pois o timão tem mão segura
Navegar é preciso
Viver não é preciso
Este é o canto e a bússola do norte ancestral.

Com grande orgulho tomo posse neste dia de festa na cadeira que tem como patrono o Eng Major Juvenal Octaviano Miller que foi Deputado Estadual, Deputado Federal e Vice-Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Nascido em 13/10/1866 na cidade de Rio Grande em 1881 inscreveu-se como voluntário no 17º Batalhão. Em 1882 foi admitido no curso de Engenharia Militar. Lutando pela República fundou o Jornal A DENÚNCIA sendo que fazendo propaganda da Abolição e da República, em virtude de ter escrito carta em solidariedade a Joaquim Nabuco, foi suspenso do curso. Com a proclamação da República reencetou o curso logrando aprovação no ano de 1889. Militou no partido republicano e lutou na Revolução de 1893 do lado legalista. Em 1896, ao lado de outros, fundou a Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul. Como escritor e jornalista legou extensa obra, entre as quais Professos, novela romanceada primeira novela positivista do Brasil; Viagem ao Mato Grosso; o IV centenário do Brasil, sendo homenageado com nome de rua, nome do Instituto de Educação Juvenal Miller, em Rio Grande e como patrono da Cadeira nº 22 da Academia Rio-Grandense de Letras